

“Pimenta Neves tem currículo notável”: **jornalismo, gênero e hierarquia na cobertura do assassinato de Sandra Gomide**

*“Pimenta Neves has a remarkable curriculum”:
journalism, gender and hierarchy in the cover of the
murder of Sandra Gomide*

RESUMO

O artigo apresenta os dados e conclusões obtidos a partir da análise da cobertura do caso do assassinato da jornalista Sandra Gomide pelo também jornalista e ex-chefe, Pimenta Neves. Encarado enquanto incidente crítico, o crime envolveu jornalistas no papel de vítima e réu, problematizando não apenas a questão do distanciamento pressuposto para a prática de uma cobertura imparcial, bem como expõe hierarquias e relações de gênero presentes dentro das redações brasileiras. Para tanto foi realizada uma análise de enquadramento do conteúdo dos primeiros dezesseis dias da cobertura do caso pela *Folha Online*, cujos corpus é composto por 229 matérias. Os enquadramentos que predominaram apontaram para a humanização do assassino, reforçando uma posição patriarcal e hierárquica superior; enquanto que se enfatizou a subordinação e culpabilização da vítima em relação ao crime que lhe tirou a vida.

Palavras-chave: Jornalismo; Gênero; Hierarquia.

ABSTRACT

The article presents the data and conclusions obtained from the analysis of the coverage of the murder case of the journalist Sandra Gomide by the journalist and her former boss, Pimenta Neves. Viewed as a critical incident, the crime involved journalists in the role of victim and murderer, problematizing not only the question of the distance required to practice impartial coverage, as well as exposing hierarchies and gender relations present within Brazilian newsrooms. For that purpose, a framework analysis of the first sixteen days of the coverage of the case was carried out by *Folha Online*, whose corpus are composed of 229 subjects. The prevailing frameworks pointed to the humanization of the murderer, reinforcing a superior patriarchal and hierarchical position; while emphasizing the subordination and blame of the victim for the crime that took his life.

Key words: Journalism; Gender; Hierarchy.

Introdução

“[...] não há precedentes, aqui ou no exterior, de como cobrir uma tragédia deste porte e que radiografa de forma tão cruel as entranhas do universo jornalístico.”

Alberto Dines, 25 de agosto de 2000

Em 20 de agosto de 2000, o diretor de redação do jornal O Estado de São Paulo, Antônio Marcos Pimenta Neves, assassinou a por ele recém demitida editora de economia, a jornalista Sandra Gomide, com dois tiros, um na cabeça e o outro nas costas. Esses dois tiros, disparados em um haras no interior de São Paulo, ecoaram nas redações, comovendo-as e angustiando-as, como afirmou Alberto Dines em seu primeiro texto divulgado no site *Observatório da Imprensa* acerca do crime. O incidente, e sua respectiva cobertura, foram classificados pelos próprios jornalistas brasileiros como “sem precedentes”, uma vez que os papéis de réu e vítima, assim como de responsável por relatar ao público os “fatos” são, todos, desempenhados por jornalistas. A partir do acontecimento, sobressaíram-se enquadramentos que acabaram por ser mais ressaltados pelos meios de comunicação de modo geral. Os quais, motivados pela necessidade de produzir relatos acerca do caso, se viram imbuídos a discutir publicamente elementos presentes nos cotidiano das redações e que não costumam ser evidenciados.

Dessa maneira, o caso “Pimenta Neves/Sandra Gomide” propôs dilemas aos jornalistas, podendo ser entendido como um incidente crítico (ZELIZER, 1992), uma vez que esses profissionais são levados a contestar e negociar seus próprios padrões de ação a partir de um crime que coloca em questão o distanciamento exigido para a prática de um “jornalismo objetivo”. Afinal, como alcançar tal distanciamento, já que os jornalistas precisavam mediar um crime em que os principais envolvidos eram colegas de trabalho ou mesmo amigos? E, mais que isso, como abordar nos relatos jornalísticos produzidos sobre o caso elementos já naturalizados nas redações, como o envolvimento íntimo entre chefes e subalternos, em particular homens e mulheres nessas respectivas posições?

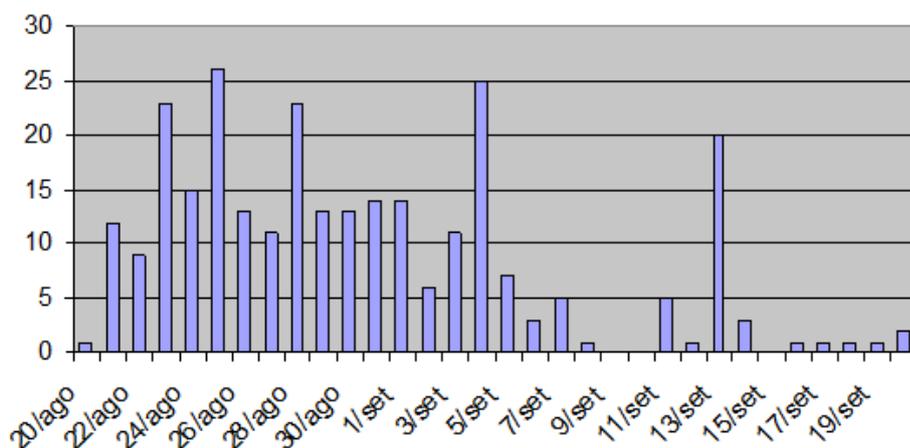
Para o desenvolvimento deste trabalho, coletamos toda a cobertura em torno do caso disponibilizada pela *Folha Online* de 20 de agosto de 2000 a 24 de março de 2001, sendo nosso corpus de análise focado nas 229 matérias postadas pelo jornal nos primeiros 16 dias a partir da data em que o crime foi cometido.

[SUBTTT]Notas metodológicas: a escolha do veículo e do corpus analisados

A *Folha Online* reivindica seguir os princípios editoriais do Projeto Folha (pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência, divisão em cadernos temáticos). Considerado o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa, o periódico contava à época do incidente com uma equipe de reportagem própria cujo objetivo é a criação, produção e o desenvolvimento de conteúdo jornalístico on-line, além de serviços com destaques para áreas de interatividade. As principais divisões encontradas no jornal impresso *Folha de S. Paulo* se mantêm na versão virtual durante o período analisado, sendo as matérias que fazem parte de nosso corpus retiradas da sessão “cotidiano”, onde se concentrou a cobertura *Folha Online* acerca do caso - que deu um “furo” no jornalismo impresso, ao colocar no ar a primeira matéria sobre o assassinato de Sandra Gomide no mesmo dia em que o crime aconteceu.

A cobertura do caso pela *Folha Online* se deu de forma ininterrupta durante os 20 primeiros dias, a contar da data em que o crime foi cometido. A partir de então, houve continuidade, com falhas em alguns dias, até 24 de março de 2001, sete meses após o crime ter sido cometido. A escolha dos 16 primeiros dias de cobertura se deu em virtude da abundância de material divulgado nesse período (**gráfico 1**), apontando para a efervescência do caso e o grande interesse do jornal em cobri-lo e mantê-lo na pauta de discussões.

Gráfico 1- cobertura do caso Pimenta Neves/Sandra Gomide na *Folha Online* (dados relativos ao primeiro mês)



Fonte: elaborado pela autora

Neste artigo, apresentaremos os resultados de nossa pesquisa que teve como um dos objetivos avaliar como os responsáveis pela produção da notícia procuraram lidar com a cobertura do crime em relação ao grande público. A partir da questão geral “como os dilemas que se impõem aos jornalistas, que precisam falar como observadores distanciados sobre um caso envolvendo

outros jornalistas na posição de vítima e assassino, vão marcar esse relato?” identificamos um conjunto de temáticas que nos ajudaram a delimitar melhor nossa análise, divididas em categorias derivadas do lead (quem, o que, quando, onde, como e por que). Isso porque, com o estabelecimento do lead como convenção jornalística, tornou-se claro que os jornalistas deixaram de ser reprodutores para passarem a ser intérpretes (SCHUDSON, 1982). Sendo assim, muito além de meros espelhos da realidade, ou intermediários do processo de comunicação, os jornalistas devem ser entendidos como construtores de realidades (FISHMAN, 1990) ao buscar dar sentido e organizar os acontecimentos.

Nesse sentido, a primeira das categorias analíticas que exploramos, “o que”, diz respeito ao crime, uma vez que as coberturas acerca desses incidentes comumente se traduzem em uma espécie de julgamento moral (GLASSER & ETTEMA, 1991), uma forma de trazer ordem ao mundo. Buscamos entender como o crime foi descrito pelos jornalistas que o cobriram, qual o ponto de vista foi adotado para relatá-lo. Nossa segunda categoria se refere ao “quem”. Aqui, existem duas subcategorias: o quem-assassino e o quem-vítima que, em última instância, nos propõem refletir como os jornalistas desenvolveram questões relacionadas à autoria do assassinato e trabalharam aspectos como a humanização – ou a “desumanização” – dos envolvidos. Logo, uma nova pergunta se apresenta: quem, afinal, é responsabilizado pelo crime? Nossa terceira categoria, “como e por que”, está relacionada ao que teria levado o crime a ocorrer. O relacionamento entre Sandra Gomide e Pimenta Neves, da forma como foi enquadrado pelo relato jornalístico da *Folha Online*, nos dá algumas pistas acerca da responsabilização pelo ocorrido. Esse mesmo enquadramento nos leva, ainda, a inferir que o modo como o crime foi relatado pelo jornal online está intimamente ligado a como a imprensa se articula e auto-gerencia, o que envolve a obediência e (por que não?) subserviência às hierarquias estabelecidas dentro das redações – estas profundamente relacionadas a um sistema patriarcal de organização social que abarca também o mercado de trabalho (cf. AGUIAR, 1997; WALBY, 1990), associado a desigualdade de gênero e relações de poder (SCOTT, 1986), algo que se faz presente nas empresas jornalísticas contemporâneas (cf. DA SILVA, 2012) e cujo caso Pimenta Neves/Sandra Gomide é capaz de exacerbar. Cabe observar que “onde” (no Haras Setti, em Ibiúna, interior de São Paulo) e “quando” (no início da tarde de domingo, dia 20 de agosto) não se apresentaram como objeto de controvérsia na cobertura do crime analisada e, por isso, não foram problematizados neste trabalho.

A cobertura de um crime

O que houve naquele 20 de agosto de 2000? Um olhar distanciado poderia compreender o assassinato simplesmente como mais um crime de sangue com nuances passionais:

A jornalista Sandra Florentino Gomide, 33, foi morta no início da tarde de domingo com um tiro na cabeça e outro nas costas no Haras Setti, em Ibiúna, interior do Estado de São Paulo.

O crime é atribuído a Antônio Marcos Pimenta Neves, 63, diretor de Redação do jornal 'O Estado de São Paulo'. As suspeitas são de crime passional.

Jornalisticamente, todas as perguntas que compõem o lead foram respondidas nos parágrafos iniciais da primeira matéria da *Folha Online* sobre o caso, disponibilizada às 20h48 de 29 de agosto de 2000 no site. Entretanto, uma análise mais aprofundada nos leva a questionar se há como alcançar o distanciamento necessário para uma cobertura de fato objetiva e imparcial, uma vez que os responsáveis por narrar ao público os fatos são colegas de profissão e, muitas vezes, possuem vínculos de coleguismo com os principais envolvidos no crime: a vítima e o assassino confesso. Para além da proximidade com os envolvidos, o relato jornalístico construído sobre o caso aponta para a naturalização, pelos jornalistas, de divisões hierárquicas e distinções de gênero presentes no seio das redações brasileiras. Como observa Scott (1986, p. 1073) no que tange ao estabelecimento de relações de poder, “a atenção ao gênero geralmente não é explícita, mas é, no entanto, uma parte crucial da organização da igualdade ou desigualdade. As estruturas hierárquicas dependem de entendimentos generalizados do chamado relacionamento natural entre homens e mulheres”. Pimenta Neves era chefe de Sandra Gomide e, com ela, estabeleceu relações não apenas profissionais, mas também pertencentes à esfera privada. Todos esses aspectos são destacados pela cobertura.

“Antônio M. Pimenta Neves tem um dos mais notáveis currículos do jornalismo brasileiro contemporâneo, tendo ocupado cargos de direção nas principais empresas do setor em São Paulo.” Assim começa a matéria “Pimenta Neves tem currículo notável”, divulgada pela *Folha Online* no dia seguinte ao crime. Como propõe a introdução do texto, os trechos seguintes continuam a discorrer sobre a trajetória profissional singular do jornalista, desde o início da profissão em 1958, como repórter e crítico de cinema do jornal *A Última Hora*; sua passagem pela editoria de política d’*O Estado de S. Paulo* e o trabalho com Cláudio Abramo no comando da redação da

Folha de S. Paulo, na década de 1960; e sua atuação como correspondente em Washington, cobrindo acontecimentos importantes como o Watergate, entre outras atividades desempenhadas ligadas ao jornalismo. A passagem pelo Banco Mundial, como conselheiro-sênior para assuntos públicos da vice-presidência da América Latina e do Caribe entre 1986 e 1995 também está no relato, assim como a “destacada”, nas palavras do jornal, formação acadêmica de Pimenta Neves (bacharel em direito pela Universidade Mackenzie, mestrado em Política Pública Internacional na Johns Hopkins University, “uma das mais importantes dos EUA”, e cursos de pós-graduação e extensão no Mocallester College e na Universidade Harvard). Também é informado ao leitor que o diretor de redação do *Estado de S. Paulo* “é separado e tem duas filhas gêmeas, de 28 anos, nascidas e radicadas nos EUA, uma das quais enfrenta recentes e sérios problemas de saúde”. A matéria se encerra sem qualquer menção à vítima ou ao crime, mas faz parte de um conjunto de relatos sobre o caso e, portanto, não deve ser encarada isoladamente. Mesmo assim, nota-se um desequilíbrio no destaque dado ao assassino, cuja atividade profissional e vida pessoal familiar são enfatizadas, em detrimento da cobertura dispensada especificamente à vítima. Como o assassino, Sandra Gomide também era jornalista, tendo trabalhado como subordinada de Pimenta Neves nos jornais *Gazeta Mercantil* e *O Estado de São Paulo*. Neste último, exerceu os cargos de repórter especial e, posteriormente, editora de economia, de 1998 a 2000.

O relato de um crime, mais do que contar o que aconteceu, é uma forma de dar ordem ao mundo e, portanto, carrega em si um julgamento moral (GLASSER & ETTEMA, 1991). A violação dessa ordem moral, portanto, é lugar de afirmação do moralismo, servindo para a naturalização da mesma (GANS, 1980). Assim, os noticiários acerca dos crimes ilustram, por oposição, uma regra, funcionando, em geral, como uma espécie de espelho de um discurso social sobre o que é moral, normal ou aceitável, uma vez que “a imprensa em geral, e a reportagem investigativa em particular, funciona como uma influência fundamentalmente conservadora na medida em que tipicamente reifica, mas também vivifica, valores permanentes e invoca, junto ao público, indignação ante sua violação” (GLASSER & ETTEMA, 1991, p. 22). O que vemos, lemos ou ouvimos nos veículos jornalísticos pode ser entendido como compartilhamento de indignação com o público em virtude de uma infração cometida e que é moralmente inaceitável – como, por exemplo, o caso que envolve assassinatos nos quais a vítima não teve (ou não teria) chance de se defender. É o que Priscilia Seifert (2004) encontrou ao analisar as páginas que *O Globo* dedicou à cobertura do caso Daniella Perez, jovem atriz brutalmente assassinada.

Na morte de Daniella Perez, as nuances emotivas marcaram o relato jornalístico durante o longo período em que ocorreram as investigações policiais; “paradoxalmente, a cobertura não foi construída a partir de dados da investigação do processo, e sim através de uma narrativa que reforçava a natureza monstruosa do fato e dos acusados. Dessa forma, O Globo condenou Paula e Guilherme sumariamente” (SEIFERT, 2004, p.11). Diferente do caso Daniella Perez, não havia espaço para questionamentos quanto à autoria e a arma utilizada no assassinato de Sandra Gomide. Pimenta Neves confessou rapidamente o crime, e teve sua culpa reforçada por testemunhas. Em comum, porém, os dois casos possuem um ponto fundamental: assim como aconteceu com a jovem atriz, Sandra Gomide também não teve chances de defesa, sendo a jornalista assassinada com dois tiros de revólver, pelas costas.

Esse mesmo aspecto, curiosamente, deu origem a coberturas completamente distintas. Seguindo a proposta de Entman (1991), as coberturas são formadas a partir de quadros interpretativos, compostos de pelo menos cinco aspectos nos textos dos *media*: juízos de importância (referente a elementos mais ou menos realçados na cobertura), agente (determinação de um culpado pelo incidente, por exemplo), identificação (ou o jogo de humanização e desumanização dos sujeitos envolvidos), categorização (diz da escolha de rótulos) e generalização (o enfoque da parte ou do todo). Se a morte da atriz global foi enquadrada como ato bárbaro, ideia selecionada e enfatizada nas manchetes (“As marcas da brutalidade: Daniella é morta com 16 golpes de tesoura”); a cobertura do crime contra a jornalista foi feita com bem menos clamor, indignação e humanização da vítima. Observando a cena do crime, o que houve foi um homicídio doloso, em que Gomide não teve chances de defesa.

Caso dramatizado pela mídia, o assassinato poderia ser classificado como uma emboscada ou tocaia de Pimenta Neves, uma vez que Sandra Gomide não pretendia encontrar com o ex-namorado naquele domingo, e, em última instância, um ato covarde, “pelas costas”. Entretanto, ao se referir ao crime a *Folha Online* não se vale de palavras como *covardia*, *brutalidade*, *barbaridade*. A indignação quanto ao modo como foi cometido (“sem chances de defesa”) não é destacada nem enfatizada nas matérias avaliadas. O ponto de vista adotado pela *Folha Online* para a cobertura do assassinato de Sandra Gomide foi o dos especialistas do Instituto Médico Legal (IML), como demonstram matérias divulgadas em 23 e 28 de agosto. O sofrimento da vítima encontra-se apagado, substituído por informações técnicas contidas no laudo divulgado pelo instituto: “[...] a causa mortis de Sandra foi ‘insuficiência cardiorrespiratória aguda, consequente a tamponamento cardíaco mais traumatismo craniencefálico’”.

Também é curioso o dado de muitas das matérias não se referirem necessariamente ao crime. No conjunto da cobertura analisada, cerca de 50 (ou seja, mais de 25 por cento) apresentam como enfoque principal a saúde de Pimenta Neves, como exemplificam as manchetes: “Novo boletim médico de Pimenta Neves deve ser divulgado às 9h”, “Ex-mulher de jornalista e filhas virão dos EUA para visitá-lo”, “Pimenta Neves está deprimido e pode se suicidar, diz advogado”, “Pimenta está mais tranquilo, diz advogado”, “Companheiros de cela se oferecem para dar remédios a Pimenta”. Como já mencionamos, por vezes o crime sequer chegou a ser mencionado ao longo de todo o texto da notícia, como ocorre em “Quadro clínico de Pimenta Neves melhora; jornalista já está em quarto comum”, de 24 de agosto de 2000.

Com isso, nota-se que o assassinato efetivamente não domina as notícias divulgadas pela *Folha Online*, sendo identificados deslocamentos para outros assuntos, como a internação e o estado de saúde do jornalista. Em geral, a cobertura retrata um homem doente, fragilizado. “O advogado disse que Pimenta chorou ‘copiosamente’ e estava bastante deprimido”, informa um texto de 2 de setembro.

Aqui, convém lembrar que enquadramentos pouco hegemônicos sempre aparecem, mas em posição de menor destaque (cf. ENTMAN, 1991). Algumas matérias – bastante escassas – apontam para um comportamento frio por parte de Pimenta Neves (“Para Márcio Thomaz Bastos, Pimenta Neves premeditou assassinato”), ao contrário do aspecto passional, que poderia ser utilizado como justificativa ao ocorrido. Em geral, o quadro interpretativo que aponta para um crime intencional e premeditado aparece a partir de relatos de testemunhas, não identificadas.

[...] A jornalista havia acabado de cavalgar. O homem, que disse estar a menos de 20 metros do local e tinha visão completa da cena, afirma que Pimenta Neves estacionou o carro e foi andando, calmamente, na direção de Sandra. Os dois chegaram a trocar algumas palavras. A testemunha diz não ter conseguido ouvir o que os dois conversaram.

Logo em seguida, de acordo com o depoimento, Pimenta Neves teria segurado o braço de Sandra e a forçou a entrar no carro. Sandra resistiu e começou a gritar. Depois, tentou correr. Nesse momento, segundo o relato, Pimenta Neves teria dado o primeiro tiro, que atingiu as costas da jornalista.

Já no chão, Sandra teria pedido ajuda a essa pessoa que presenciou a cena. Mas, segundo a testemunha, não houve tempo para nada. Ele afirma que Pimenta Neves teria se aproximado, calmamente, de Sandra e teria dado o segundo tiro, que atingiu o ouvido, a menos de meio metro da cabeça da jornalista.

Em seu depoimento à polícia, ocorrido na última quinta-feira no hospital Albert Einstein, Pimenta Neves deixa entender que atirou a esmo, sem saber exatamente onde tiros pegaram.

Após o segundo tiro, afirma a testemunha, Pimenta Neves teria virado as costas, caminhado lentamente até o carro e foi embora. [...]

Ainda de forma contraditória ao relato hegemônico, identificam-se matérias divulgadas na tentativa de dar um corpo mais consistente à cobertura. Ou seja, aqueles temas que poderiam estar associados ao crime, foram relacionados a ele. É o que ocorre com a questão de um suposto aumento de criminalidade, mostrada em duas matérias da *Folha Online*. Em uma delas, de 27 de agosto, cuja manchete “assassinato de mulher bate recorde em SP”, a morte de Sandra Gomide é apontada como mais uma, em meio à crescente estatística. Sob essa perspectiva, a violência e a impunidade, como temas amplos e preocupantes a toda a sociedade, fazem parte do corpus de matérias relacionadas ao caso Pimenta Neves/Sandra Gomide.

Como pudemos observar em nossa análise, o que motivaria o interesse jornalístico - ou seja, um crime-, não é o tema preponderante da cobertura. Tampouco se identifica o relato fortissimamente moralizado que costuma acompanhar crimes nos quais a vítima é tida como um ser frágil e indefeso, como ocorreu em relação à morte de Daniella Perez e ao assassinato do menino João Hélio, apenas para citar alguns exemplos. Casos categorizados como bárbaros, violentos ou brutais. O caso Pimenta Neves/Sandra Gomide, por sua vez, foi rotulado pelos jornalistas como um “crime”... Quase mais um, se não denunciasse aspectos inerentes ao cotidiano jornalístico, desconhecidos do grande público. Ao longo da cobertura, os jornalistas deixaram transparecer conivência e, em última análise, falta de distanciamento, uma vez que tenderam a reproduzir, através do crime, as hierarquias que dominam o cotidiano das redações.

A cobertura, portanto, vincula-se intimamente aos sujeitos, ou melhor, aos papéis ocupados pela vítima e pelo assassino na esfera profissional. E, justamente quando se refere a esse âmbito, o jornal permite falas que identifiquem o crime como uma tragédia, por envolver o destino de dois colegas de profissão. A despeito de apenas Gomide ter literalmente perdido a vida, o crime também teria causado a ruína de Neves. Sentimento evidenciado em nota enviada à imprensa, e divulgada pela *Folha Online*, em nome da redação do Grupo Estado na qual esta se apresenta “consternada pela tragédia que envolveu dois de seus amigos e funcionários”; e pelo próprio diretor responsável pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, Ruy Mesquita, que em entrevista “classificou o caso como ‘uma tragédia inédita’ em sua vida”.

Ainda no que diz da cobertura do assassinato, identificam-se temporalidades distintas relacionadas ao acontecimento: uma que abrange relatos referentes a momentos que antecederam o crime e outra com enfoque no período posterior. Entretanto, todas elas enfatizam o assassino em detrimento da vítima.

Quando o "quem" evidencia questões de gênero e hierarquia

O crime envolveu jornalistas que ocupavam espaços de legitimidade diferentes. De um lado, está o assassino, um grande nome do jornalismo. Do outro, a vítima, uma jornalista pouco conhecida, cuja trajetória se vincula, nos relatos estudados, a Pimenta Neves. É justamente acerca dos problemas levantados pelo modo como esses sujeitos foram apresentados ao público pelo jornal, ou seja, os aspectos referentes ao "quem" do lead, que chamamos a atenção aqui. Apesar de as mulheres representarem, na primeira década dos anos 2000, cerca de 40% do total de profissionais nas principais redações do país do eixo sudeste (em algumas ultrapassando os 50%), ocupando "um espaço privilegiado como colunistas, tanto no jornalismo econômico como no político, e também estão presentes em cargos de direção" (ABREU & ROCHA, 2006), o caso aqui analisado deixa ver que essa "ocupação feminina" não foi capaz de eliminar as assimetrias que atravessam as questões envolvendo gênero nesses ambientes de trabalho.

Não é possível afirmar que a cobertura do crime feita pela *Folha Online* foi como a dispensada a um assassinato corriqueiro, uma vez que se percebe uma tendência geral de humanização das vítimas, sobretudo quando elas não tiveram chance de se defender. Como demonstramos no tópico anterior, o terror e a angústia de Sandra poderiam ser objetos de humanização do crime. Entretanto, não há manchetes e reportagens que afirmem que a jornalista teria implorado por sua vida. O máximo que encontramos no material analisado é o trecho de uma das matérias do corpus que nos dá indícios do drama vivido pela jornalista ao ser baleada por Pimenta e que, "já no chão, teria pedido ajuda". Nos relatos feitos à luz do IML, a ação aparece "desdramatizada".

O "quem" comumente contemplado pelos meios de comunicação noticiosos é a vítima, apesar de não haver uma regra específica a esse respeito. Percebe-se nas páginas dos jornais que o *quem-vítima* é pressuposto, uma vez que o assassino é encarado como marginal e, portanto, não deve ser enquadrado como sujeito protagonista da ação nos noticiários. Isso representaria uma transgressão à ordem moral; e não sua reafirmação. De acordo com Entman (1991, p.13),

o discurso moral humanizante encontrado nos meios de comunicação “se reflete também na escolha de palavras específicas para descrever as vítimas”. Ao identificá-las como, por exemplo, “seres humanos”, “histórias individuais de emoção pessoal”, “seres amados”, se tornam “humanizadas nas mensagens verbais e visuais de modo a promover a identificação com elas” (Id, Ibid, p.11). Por outro lado, o apagamento das vítimas ajudaria a produzir, ainda de acordo com o autor, “uma reportagem técnica”.

Assim, humanizamos quando olhamos para as vítimas como indivíduos únicos, possuidores de histórias pessoais. Elas tinham família, ou o sonho de constituírem uma. Elas exerciam uma profissão e faziam parte de círculos de amigos. Vemos esforços nessa direção costumeiramente nos jornais. Mas o que humaniza Sandra Gomide? No material analisado, apenas duas fotografias da vítima foram apresentadas, uma única vez cada, em relatos do dia 21 de agosto de 2000. Na primeira imagem, Sandra Gomide não sorri, aparece com os cabelos soltos, desarrumados e com olheiras realçadas. Na segunda, a jornalista esboça um sorriso. Aparece com ar mais jovial e está de cabelos presos.

Gomide era uma mulher relativamente jovem (32 anos), seria possível relatá-la como alguém que teve o futuro usurpado e, ao perder precocemente a vida, deixa de desfrutar muitas alegrias pessoais, como se casar e ter filhos. A jornalista tinha os pais vivos e, ao contrário do fluxo natural, precisou ser enterrada por eles. Provavelmente, também tinha seu próprio círculo de amigos, era querida por essas pessoas. No lado profissional, ainda havia toda uma carreira pela frente a ser construída e deveria ter feito colegas na redação e nos jornais por onde passou. Entretanto, a dor de sua família não encontra destaque nas matérias analisadas. Colegas e amigos da jornalista raramente tiveram seus depoimentos divulgados. A respeito de Sandra Gomide, pouco é relatado ao leitor. Nessa cobertura específica, a vítima é construída em relação ao assassino, sendo seu passado comumente vinculado ao de Pimenta Neves. Nas reportagens, ela é “a também jornalista” (porque Pimenta aparece destacado enquanto “quem”, aparecendo em primeiro lugar), “ex-namorada de Pimenta” ou subordinada a ele no jornal.

Pimenta Neves e Sandra Gomide namoravam havia aproximadamente três anos. Eles se conheceram quando Pimenta Neves foi contratado para dirigir a “Gazeta Mercantil”, depois de trabalhar durante 12 anos no Banco Mundial, em Washington (EUA). Sandra era repórter de matérias-primas daquele jornal.

Durante seu relacionamento com Pimenta Neves, ela foi promovida e chegou a ser editora de economia da “Gazeta Mercantil”. Deixou o jornal depois que Pimenta Neves se transferiu para “O Estado de S. Paulo”, há cerca de dois anos.

Nesse jornal, ele a contratou como repórter especial. Depois ela passou a editora de economia. Há cerca de um mês, ele a demitiu. Pimenta Neves disse a amigos ter provas de que o comportamento profissional da ex-namorada, na função de editora, não era ético. Sandra trabalhava atualmente em um site da Internet... (Folha de São Paulo, 20 de agosto de 2000, 20h48)

Logo, identificamos que, em grande parte das reportagens, como a de 20 de agosto apresentada acima, Sandra Gomide aparece no texto subordinada a Pimenta Neves, reforçando uma desigualdade de gênero, em geral velada, que se apresenta vinculada a hierarquias institucionalmente reconhecidas pelas organizações noticiosas e seus agentes. Ela é, em última análise, postumamente definida a partir da relação que estabeleceu com o então diretor de redação do *Estadão*, reforçando uma posição subalterna e estereotipada das mulheres (cf. Birolí, 2010). Conforme o que se identifica nas reportagens, Gomide só teve conquistas profissionais em virtude do vínculo com Neves. Pode-se considerar uma forma de submissão póstuma da editora em relação ao ex-chefe e ex-namorado imposta a ela pela cobertura jornalística. Neves, por outro lado, só aparece de forma “subordinada” a Gomide, e pela primeira vez em toda a cobertura, no terceiro dia após o crime. O segundo parágrafo da matéria “Processo deve durar três anos, diz advogada de jornalista morta”, de 23 de agosto, finalmente apresenta Sandra Gomide como sujeito, “assassinada por seu ex-namorado, o também jornalista Antônio Marcos de Pimenta Neves”. Mas esse não é o enfoque preponderante nos relatos. O que se nota ao longo da cobertura da *Folha Online* é que, ao se falar de Sandra Gomide, o jornal parece tratar de apenas mais um assassinato, um crime *praticamente* como os outros. A vítima não ocupa posição de destaque na cobertura - e também na redação, se comparada a Pimenta Neves.

Em muito poucas oportunidades Sandra Gomide é descrita como editora e, menos vezes ainda, como editora de economia, último cargo que ocupou à época em que trabalhava no *Estadão*. Entretanto, há momentos em que o(s) cargo(s) ocupado(s) por Gomide sequer chega(m) a ser mencionado(s), como ocorre na matéria de 23 de agosto de 2000 “Pimenta Neves teria alugado apartamento na frente de imóvel de jornalista assassinada, diz família”. Mais curioso ainda é o texto veiculado poucas matérias seguintes a essa, no mesmo dia, mas disponibilizada horas depois.

Morte em Ibiúna: Entenda o que determina a prisão do autor de um crime

O crime envolvendo o jornalista Antônio Pimenta Neves fez surgir na mídia a discussão sobre se um homicida deve ou não ficar preso enquanto aguarda o julgamento. Pimenta Neves confessou o assassinato da ex-namorada, está com a prisão temporária decretada, e o promotor do caso pretende pedir a decretação da prisão preventiva.

Em princípio, o que determina se o autor de um crime grave fica preso ou não antes do julgamento é sua história pregressa. Se não tiver antecedentes criminais, não oferecer risco para a sociedade nem para o prosseguimento da investigação e, além de tudo, possuir endereço e emprego fixos, deve responder ao processo criminal em liberdade.

Mas nem sempre tudo isso basta. Se, mesmo preenchendo todos esses requisitos, o autor do delito se mostrar desnorreado a ponto de representar perigo para terceiros ou existir a possibilidade de fuga, então é possível que seja mantido preso até o julgamento da ação penal.

E como se sabe se o criminoso oferece risco ou não para a sociedade? 'É preciso analisar as condições em que ocorreu o crime. Se foi um homicídio passional, por exemplo, a agressão se deu contra uma pessoa determinada, num contexto específico. Em tese esse homicida não oferece perigo para outras pessoas e não há necessidade de mantê-lo preso', argumenta o criminalista Roberto Podval.

'Se for um homicídio qualificado, por exemplo, e o criminoso for movido por um insano sentimento de vingança, nada garante que ele não volte a delinquir. Mesmo que a vítima fosse o alvo principal, o autor do crime pode querer se vingar em outras pessoas que, de alguma maneira, tinham ligações com ela. Daí a necessidade de mantê-lo preso', avalia Antonio Fernando Pinheiro Pedro, também advogado criminalista.

Nesses casos, o juiz pode aceitar o pedido de prisão temporária, que é de 30 dias, renovável por mais 30 dias. Depois, pode deferir ainda o pedido de prisão preventiva, que pode perdurar até o julgamento. Os requisitos para a prisão preventiva são a manutenção da ordem pública e a garantia da aplicação da lei penal.

No homicídio simples, a pena mínima é reclusão de 6 anos e a máxima, 20 anos de reclusão. Já no qualificado, a pena mínima sobe para 12 anos de reclusão e a máxima para 30 anos.

Se o réu ficar preso até o julgamento e, ao final, for condenado, esse período será descontado da pena aplicada pelo juiz.

É assaz interessante notar que, em uma matéria que envolve o crime que a vitimou, o nome de Sandra Gomide não chega a ser mencionado. Apesar de o título da matéria "Morte em Ibiúna: entenda o que determina a prisão do autor do crime" fazer menção a uma vítima e a alguém que cometeu o crime, apenas o nome do assassino participa de relato. A vítima aparecendo apenas sob a denominação de "ex-namorada". O lugar de destaque passa a ser, portanto, de Pimenta Neves, o *quem-assassino*. No desenrolar do caso e, por conseguinte, da cobertura jornalística em torno do assassinato, nota-se o apagamento da figura de vítima.

O quem-assassino

Se o nome de Sandra Gomide não chega a ser mencionado em algumas matérias, o de Pimenta Neves domina a cobertura da *Folha Online*. Contrariando o tratamento que se costuma destinar aos homicidas, não é possível identificar julgamento moral (cf. GLASSER & ETTEMA, 1991; SEIFERT, 2004) em relação a Neves na maioria dos relatos analisados. Apesar de não haver dúvidas quanto à autoria do crime, confesso pelo jornalista e confirmado por testemunhas, o jornal demonstra extrema cautela em relação a isso. A *Folha Online* vale-se de rituais estratégicos (TUCHMAN, 1993), como o uso das aspas, para afirmar sua objetividade e imparcialidade, mas também como uma forma de “mascarar” o desconforto de precisar fazer a cobertura de um “crime em família”. Logo na primeira matéria, Pimenta Neves é apontado como principal suspeito. O jornal, entretanto, sente a necessidade de valer-se do depoimento de testemunhas do crime e do delegado responsável pelo caso para validar a afirmação.

[...] O crime é atribuído pela polícia e por testemunhas a Antônio Marcos Pimenta Neves, 63. diretor de Redação do jornal “O estado de S. Paulo”. As suspeitas são de crime passional.

“Há indícios fortes e testemunhas que o apontam como principal suspeito”, afirmou o delegado Lincoln Kunisawo, responsável pelo caso. [...]

Pimenta Neves permanece como “principal suspeito” do crime até o quarto dia de cobertura, quando comunica oficialmente à polícia e à imprensa, por meio de seu advogado, a autoria do assassinato. A matéria que divulga o fato é a 29ª da cobertura. E, apesar de o jornalista já ter confessado culpa pela morte de Sandra, na 34ª matéria a *Folha Online* continua sendo cautelosa quando se refere ao autor do assassinato, como demonstra o texto de 23 de agosto de 2000: “Sandra foi assassinada no domingo e, segundo o advogado Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, Pimenta Neves foi o autor do crime”.

De acordo com Entman, a escolha dos rótulos para os incidentes tende “a situá-los em categorias que convencionalmente ora invocam, ora omitem o julgamento moral” (1991, p.14). No caso analisado, apesar de réu confesso, o jornal evita a palavra “assassino” para se referir a (ou rotular) Pimenta Neves. E, se percebemos que houve apagamento da vítima nos relatos jornalísticos acerca do caso, o mesmo não ocorre em relação ao jornalista-diretor de redação: o quadro interpretativo preponderante na cobertura da *Folha Online* seleciona e enfatiza o notável currículo de Pimenta Neves. Pesemos, pois, a “medida de importância do evento”, na qual a quantidade

de material disponível e quão proeminente ele é apresentado conferem a dimensão do enquadramento que, em sua essência, se traduz na “ampliação ou encolhimento de elementos da realidade retratada de modo a torná-los mais ou menos realçados” (ENTMAN, 1991, p. 5). A posição hierárquica superior do jornalista, diretor de redação, é mencionada 44 vezes no *corpus* analisado. Ao passo que encontramos apenas 13 menções ao cargo de maior visibilidade ocupado por Sandra Gomide, “editora”; dessas referências, em dez a palavra relaciona-se a Pimenta Neves. Ele se torna, portanto, sujeito não apenas de sua própria história, mas também da de Sandra Gomide, como nos trechos destacados abaixo, respectivamente de 20 e 27 de agosto.

[...] Durante seu relacionamento com Pimenta Neves, ela foi promovida e chegou a ser editora de economia da “Gazeta Mercantil”. Deixou o jornal depois que Pimenta Neves se transferiu para “O Estado de S. Paulo”, há cerca de dois anos.

Nesse jornal, ele a contratou como repórter especial. Depois ela passou a editora de economia. Há cerca de um mês, ele a demitiu. Pimenta Neves disse a amigos ter provas de que o comportamento profissional da ex-namorada, na função de editora, não era ético. Sandra trabalhava atualmente em um site da Internet.

[...] Sandra, que até então não tinha atuação de destaque, passou a ser beneficiada profissionalmente pelo relacionamento. Logo no início do namoro, Pimenta Neves avisou aos chefes de Sandra que, dali por diante, ela só receberia ordens dele. Dizia que o seu talento estava sendo mal aproveitado e a promoveu de repórter a editora.

Não há a identificação de Pimenta Neves com imagens no *corpus* analisado. Esta é feita por meio de relatos sobre ele apresentados por familiares, como a irmã Isabel, colegas de profissão e amigos. O jornalista é retratado como um pai amoroso, como na nota divulgada pela ex-mulher e pelas filhas, publicada pela *Folha Online*, em que são enfatizadas “sua compaixão, generosidade e bondade”. São relatos que ajudam na construção de uma margem de dúvidas. Em certa medida, o jornal nos expõe argumentos para o não enfoque de Pimenta Neves no papel de criminoso, reduzindo-lhe a ênfase. São quadros interpretativos que apontam para a não-responsabilização do criminoso, afinal, como afirma a *Folha Online* em 23 de agosto, respaldada pelas aspas do advogado Antonio Claudio Mariz de Oliveira: “o jornalista tem bons antecedentes e não se enquadra em nenhum dos motivos que, segundo a lei, poderiam levá-lo à prisão durante o processo. “Ele não oferece risco em liberdade, não é nenhum bandido. É um homem que cometeu crime de ímpeto”.

"Como" e "por que": enquadrando o relacionamento

O modo como o lead é construído diz muito do enfoque da reportagem. De acordo com Carey, o *por que* e o *como* são elementos que geram grande reflexão, uma vez que seriam responsáveis por dar profundidade à matéria.

Não há gradiente acessível para a medição das causas, a avaliação dos motivos, a predição das conseqüências ou a estimativa da importância. Ninguém jamais viu uma causa ou uma conseqüência; os motivos são acontecimentos fantasmagóricos da mente; e a importância parece estar no olhar de quem observa. (CAREY, 1987, p.14)

No corpus analisado, esse "olhar de quem observa" pertence aos jornalistas da *Folha Online* destacados para a cobertura do caso Pimenta Neves/Sandra Gomide, que procuram responder *como* e *por* que o assassinato aconteceu. Ao buscar não colocar em foco a responsabilidade do assassino pelo crime, percebe-se que a "culpa" é deslocada para um terceiro elemento dessa equação: o relacionamento entre Sandra e Pimenta, que extrapola o âmbito profissional.

[...] Pimenta Neves justificou o crime dizendo que Sandra o traiu profissionalmente e pessoalmente. Segundo o jornalista, no campo profissional, ela teria deixado de fazer uma reportagem sobre a companhia aérea Vasp, mesmo tendo informações para escrevê-la. As informações, segundo ele, apontavam que uma outra empresa que compraria a Vasp não estaria em boa situação financeira.

Pimenta Neves, no entanto, negou que perseguisse Sandra ou pessoas ligadas a ela.

Na área pessoal, o jornalista disse que Sandra o traía. Segundo Milani, Pimenta Neves informou ainda que se sentia usado pela ex-namorada. "Ele disse que ela era uma pessoa de pouca cultura e que com, a chegada dele, galgou posto que não tinha condições de assumir.", afirmou Milani.

O jornalista e Sandra trabalharam juntos nos jornais "Gazeta Mercantil" e "O Estado de S. Paulo". Em ambos ele ocupava cargo de direção.

De acordo com os relatos do réu enfatizados pela cobertura, a vítima o teria traído duplamente. Além de descartá-lo como namorado, ela haveria desafiado seu poder enquanto superior hierárquico. O que, ainda em conformidade com a lógica do ex-diretor de redação - e exposta pela *Folha Online* - seria algo capaz de justificar o crime. Sendo assim, teria sido o relacionamento entre os dois jornalistas o principal culpado pela desgraça de Pimenta, como nos informa a *Folha Online*, que destaca que "Pimenta Neves tinha até então uma biografia invejável", que "o rompimento transformou a vida dos dois

num inferno”, tendo o diretor de redação ficado “tão deprimido que pediu demissão. Alegou problemas de saúde e o estado de saúde da filha. O jornal não aceitou. Sugeriu que ele trabalhasse menos e se tratasse”, tendo o *Estadão* anunciado “na última quarta-feira”, 23 de agosto, “o afastamento de Pimenta Neves do cargo de direção de Redação”.

A ênfase no relacionamento do casal de jornalistas encontrada na cobertura da *Folha Online* é direcionado para a responsabilização de Sandra Gomide; não enfatizada enquanto *quem*-vítima, mas realçada entre os elementos participantes do *como* e *por que* utilizados para explicar o que teria motivado o crime. É possível, com base no que aparece no jornal online, vislumbrar o perfil de uma mulher que privilegiava a ascensão profissional e cultivava desafetos. E, em sua busca, fazia-se acompanhar pelo poder dentro e fora da redação – o envolvimento com Pimenta Neves é apresentado como um indício dessa conduta, ilustrada pelo intertítulo “namoro e ascensão”, abaixo transcrito:

O relacionamento entre os dois sempre foi muito desigual. Ele era 31 anos mais velho, famoso, culto, refinado e dividia sua privacidade com poucos amigos.

Sandra vinha de uma família simples, era bem-humorada e ambiciosa. Até conhecer Pimenta Neves, achava que a sua capacidade era subestimada e estava desanimada com o trabalho.

Eles se conheceram em setembro de 1995, quando Pimenta Neves assumiu a direção do jornal “Gazeta Mercantil” depois de 21 anos vivendo nos EUA.

O flerte começou em fevereiro de 1996, durante o aniversário de Pimenta Neves. Sandra era repórter e o novo diretor de redação viu nela qualidades profissionais que ninguém mais enxergava.

Em depoimento à polícia, Pimenta Neves disse que foi Sandra que se aproximou dele. Ex-colegas dizem que foi o contrário. Sandra estava muito entusiasmada com o assédio do chefe e perguntando a amigas se o achavam velho demais para ela.

[...] Depois que começaram a namorar, ele passou a repetir que havia descoberto a melhor repórter de economia do país.

Sandra, que até então não tinha atuação de destaque, passou a ser beneficiada profissionalmente pelo relacionamento.

[...] De acordo com ex-colegas de redação, Sandra usou o poder para perseguir desafetos. Gostava de reafirmar a sua intimidade com o diretor. Na frente de colegas, dizia a Pimenta Neves coisas que não seria habitual comentar com um chefe _que ele estava mal-vestido ou muito gordo, por exemplo.

Foi nesse período, em 1997, que ocorreu o primeiro desentendimento.

[...] Pimenta Neves a remanejou para um cargo com muito menos destaque. Sandra entrou em férias. Desesperado, ele chegou a perguntar a pessoas próximas a ela o que fazer para reconquistá-la.

Eles reataram, Sandra foi promovida mais uma vez e virou coordenadora de cadernos _o terceiro posto mais importante na hierarquia da redação.

Era a primeira de uma série de idas-e-voltas no relacionamento amoroso. A montanha-russa do namoro virou chacota entre os colegas. Vários jornalistas que tiveram problemas com Sandra foram demitidos.

Pimenta Neves trocou a "Gazeta" por "O Estado" em 1998. Meses depois de assumir, contratou Sandra como repórter especial. No começo deste ano, foi promovida a editora de Economia.

Identifica-se um esforço no sentido de "desresponsabilização" do réu e de apagamento do papel de vítima ocupado pela jornalista. Não obstante a sua biografia invejável, Pimenta Neves é descrito como tendo promovido alguém cujas qualidades não condiziam com os cargos que ocupava. Há, portanto, alguns aspectos aqui que merecem atenção. Primeiramente, o texto menciona explicitamente o assédio de Neves à repórter, valendo-se de sua posição dentro da redação para despertar o interesse da jornalista, mas isso não é problematizado no relato. Além disso, ele indicou alguém supostamente sem experiência para o terceiro cargo da hierarquia do jornal, usando o seu poder de promover Sandra Gomide para conquistá-la e também demitir os desafetos dela. Em todos os casos, a atitude de Pimenta Neves pode ser classificada como bastante anti-profissional, mas isso não aparece presente no noticiário, não é condenado segundo a cobertura analisada.

Nesses mesmos relatos, uma leitura sobre Gomide, por outro lado, é de uma mulher de poucos escrúpulos, que usava de sexo para conseguir o que queria e não se importava em passar por cima dos colegas que se colocassem em seu caminho. Em outras palavras, alguém que usou um deslumbrado e quase inocente Pimenta Neves para conseguir o que queria. Além disso, ela teria cometido outro "crime", do ponto de vista chauvinista: envolveu-se com outro homem enquanto ainda nutria relação com Pimenta Neves, ou seja, teria traído o ilustre namorado. "Segundo Santoro [diretor do Instituto de Criminalista do Estado de SP], foram achadas 25 mensagens de Sandra para o jornalista equatoriano Jayme Mantilla e 10 mensagens dele para Sandra. Mantilla é apontado como pivô da crise de ciúme de Pimenta Neves. [...]", informava a Folha Online em 31 de agosto. Em outra matéria, divulgada no dia 23 de agosto, a manchete era: "equatoriano nega relacionamento com jornalista assassinada", deixando em aberto se Sandra Gomide teria tentado investir contra mais um homem, assim como fizera com Neves, iniciando um jogo de sedução com o jornalista estrangeiro.

A tradição de responsabilização da mulher é uma característica da estrutura patriarcal, utilizada para dar suporte ao discurso referente à violação moral. Às mulheres de “comportamento duvidoso” caberia maior tolerância da sociedade em relação a atos de violência por elas sofridos, apesar de ocuparem a posição de vítimas (COLLOURIS, 2010). Dentro dessa perspectiva, o enquadramento do caso Pimenta Neves/Sandra Gomide, no fim das contas, ultrapassa o gênero não porque este não importa, pelo contrário. À questão de gênero se sobrepõe a reprodução das hierarquias das redações, que reforçam o machismo existente na sociedade brasileira. Apenas o discurso “um homem que matou uma mulher” não é bastante para explicar a responsabilização do relacionamento dos dois jornalistas e, por conseguinte, daquela que foi vítima do crime – uma jornalista, mulher, Sandra Gomide.

Outra leitura possível seria a de que o relacionamento entre os jornalistas brasileiros significaria uma ameaça para o plano profissional. A julgar pelo relato do jornal, a presença de Sandra Gomide na sala de redação, como parceira íntima de Pimenta Neves, perturbava a ordem e os valores profissionais, o que talvez explique o tom excepcionalmente agressivo em relação à jornalista que caracteriza a cobertura analisada. O problema em se lidar com esse incidente reside tanto na dificuldade em se tratar do caso de forma distanciada, de falar com distanciamento desse lugar tão íntimo aos jornalistas que é a sala de redação, bem como em impedir que ele revele valores interiorizados pelos jornalistas – profissionais e morais.

A solução encontrada pelo jornal foi deslocar o discurso para “uma jornalista morta por um diretor de redação”, que divide espaço com “um diretor de redação que mata uma ex-namorada” ou, “uma jornalista assassinada por um também jornalista e diretor de redação”. “Os julgamentos de valores dos jornalistas podem, portanto, refletir o consenso da comunidade sobre valores até que, em última análise, esses julgamentos [...] fiquem tão ‘incrustados’ que se tornem julgamentos noticiosos” (GLASSER, 1991, p. 11). Nesse caso particular, os julgamentos morais feitos pelos jornalistas refletem, sobretudo, valores sociais presentes nas redações, valores morais compartilhados por uma comunidade em especial: a comunidade jornalística. Nesse sentido, as hierarquias profissionais funcionam como uma espécie de ordem moral e, portanto, não são apenas reproduzidas, como também reforçadas.

Conclusões

A análise das matérias em torno do caso presentes na *Folha Online* apontam para uma cobertura parcial, que vai de encontro ao lugar geralmente ocupado pelos jornalistas, de guardiões da ordem moral, em que um criminoso confesso, que matou a vítima pelas costas, seria, ao menos, enquadrado como “assassino”; ao contrário do que ocorreu em relação a Pimenta Neves. A forma como a notícia foi trabalhada contribuiu, por outro lado, para a humanização de Pimenta Neves. Ele é um grande jornalista, distinguível entre os comuns. É alguém com um passado e cujo futuro foi gravemente comprometido; respeitado pelos colegas e por quem os amigos e familiares se preocupam. Ele poderia ser enquadrado como um homicida frio e calculista ou como covarde, por ter atirado pelas costas de Sandra. Relatos nessa linha até foram identificados, mas se diluíram no todo de uma cobertura do caso que, em última análise, humaniza o criminoso.

Ao se distanciar de valores caros aos jornalistas no que tange à imparcialidade, a cobertura enfatizou questões de gênero socialmente incrustadas e que se revelam bastante presentes e vívidas nas redações brasileiras. Ao adotar um enquadramento que aponta para uma “desproblematização” do crime cometido, a cobertura da *Folha Online* analisada se eximiu de produzir relatos que conduzissem a um julgamento moral do criminoso. Sobre a vítima, uma mulher, recaiu todo um julgamento moral que, por fim, a responsabilizava, ao menos em parte, pelo crime cometido pelo à época diretor de redação do *Estado de S. Paulo*.

A cobertura, portanto, tendeu para a “positivação” do assassino, de uma lado; e para o apagamento da vítima, ou mesmo sua “negativação”. Ao contrário de Pimenta Neves, as qualidades profissionais de Sandra Gomide, além de aparecerem apagadas, foram colocadas em questão. Nos relatos da construídos pela *Folha Online* em torno do caso paira a dúvida quanto à competência da jornalista, que teria sua ascensão profissional vinculada ao relacionamento com o chefe. Pimenta Neves é o homem de poder, um diretor de redação. Ela, sua subalterna, que o teria traído “pessoal e profissionalmente”.

Propomos que o caso foi revelador de uma naturalização das hierarquias existentes nas redações, o que conduziu a uma cobertura parcial, apesar de, em boa medida, elogiada pelos próprios jornalistas por ser vista como “equilibrada”, em que o réu não teria sido tratado de forma “sensacionalista”, como um “vilão de histórias em quadrinho” (para o debate promovido pelos jornalistas em torno do caso, ver MAGALHÃES, 2008). A humanização do

réu, a despeito do apagamento da vítima, demonstra mais que a ausência de distanciamento, mas a concessão de exceções aos critérios de objetividade e imparcialidade jornalísticos. O que esse caso deixa ver, é que jornalistas, sobretudo homens em cargo de chefia e com vasta experiência profissional no currículo, possuem não somente autoridade para definir o que é notícia e qual angulação esta deve adotar.

O tratamento destinado pela imprensa à vítima, por outro lado, se deveu, em boa medida, por ela ter sido assassinada por seu ex-chefe, com quem mantinha um relacionamento pessoal. Ela foi “apagada” para que o réu fosse enquadrado positivamente e o relacionamento entre os dois também foi moralmente condenado pelos jornalistas, a despeito das relações entre chefes e subordinadas ser assaz usuais nas redações. Pimenta Neves fez sua história como jornalista, construiu sua carreira, “tinha um currículo exemplar”. De acordo com o corpus estudados, o que se enfatiza sobre Sandra Gomide é que ela teria se beneficiado da relação extra-profissional com o chefe para se promover como jornalista.

Afinal, que lições esse crime traz aos jornalistas brasileiros. Uma cobertura que se apresenta como incidente crítico, um momento para avaliar e rever condutas, acaba por ser agente revelador de um jornalismo que tende a reproduzir, em seu noticiário, a estrutura interna das redações, que reside numa autoridade baseada na hierarquia profissional e patriarcal. Obrigados a rever as normas e os conceitos internos de trabalho, os jornalistas acabaram por reafirmá-los. E, ao fazerem isso, deixaram transparecer o que, talvez, haja de mais revelador do modo como a atividade jornalística é exercida na prática no Brasil: os procedimentos que, segundo os profissionais da área, conferem objetividade aos relatos são, sim, importantes e devem ser levados em conta na produção da notícia; porém, o principal norte de seu trabalho são os vínculos de poder existentes dentro das redações. Poder que, em última instância, é distribuído desigualmente dentro das redações, que carrega questões relativas ao gênero e permanecem presentes entre os profissionais responsáveis pela produção da notícia.

Referências

- ABREU, Alzira; ROCHA, Dora (org.). *Elas ocuparam as redações*: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas*: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BIROLI, Flávia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 34, p. 269-299, 2010.
- CAREY, James W. A Short Story of journalism for journalists: a proposal and essay. *Press and Politics*, v. 12, n.1, p. 3-16, winter 2007.
- COLLOURIS, Daniella Georges. *A desconfiança em relação à palavra da vítima e o sentido da punição nos processos judiciais de estupro*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- DA SILVA, Marcia Veiga. Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, p. 490-505, jun. 2012.
- ENTMAN, Robert. Framing U.S. coverage of international news: contrasts in narratives of the KAL and Iran air incidents. *Journal of Communication*, v. 41, n. 4, p. 6-27, Autumn 1991. Trad. De MTGF de Albuquerque e de FFL de Albuquerque. Rev, téc. de A. de Albuquerque.
- FISHMAN, Mark. *Manufacturing news*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- GANS, Herbert J. *Deciding what's news*: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time. New York: Pantheon books, 1980.
- GLASSER, Theodore L. & ETTEMA, James S. Investigative journalism and the moral order. In: *Critical perspectives on media and society*, ed. By Robert K. Avery and David Eason. New York & London: The Guilford Press [c1991]. 417p. cap.9, p.203-225.
- MAGALHÃES, Eleonora. "DOIS TIROS NAS REDAÇÕES": jornalismo brasileiro e o caso Pimenta Neves como incidente crítico. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação_ - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- SCHUDSON, Michael. *The power of news*. New York: Basic Books, 1982.
- SCOTT, Joan W. Gender: a Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n.5,p. 1053-1075, 1986.
- SEIFERT, Priscila Leal. *Tribunais paralelos*: imprensa e poder judiciário no caso Daniella Perez. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense.
- TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: Nélsion Traquina (org.) *Jornalismo*: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Veja, 1993, p.74-90.
- ZELIZER, Barbie. *Covering the body*: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory. Chicago & London: University of Chicago Press, 1992.
- WALBY, Sylvia. *Theorizing patriarchy*. Oxford: Blackwell, 1990.